

ENTREVISTA

—> ANTÓNIO GUEDES E ROBERTO GUEDES
Administradores da Quinta da Aveleda, SA

“Os portugueses bebem menos, mas exigem vinhos de qualidade”

Mais de metade da produção de vinho verde da Quinta da Aveleda é exportada para 80 países

José Vinha (textos)
Carlos Gonçalves (fotos)

A Quinta da Aveleda, em Penafiel, é uma das três maiores empresas vitivinícolas portuguesas e promotoras de Vinho Verde, único no mundo, produzido no Vale do Sousa, na região de Entre-Douro-e-Minho.

Sócio fundador do “G7” que congrega as sete maiores empresas exportadoras dos vinhos portugueses, a sociedade exporta para oitenta países do mundo mais de metade da sua produção. “O Casal Garcia”, “A Quinta da Aveleda”, “Grinalda”, ou a famosa aguardente “Adega Velha” são marcas conhecidas mundialmente.

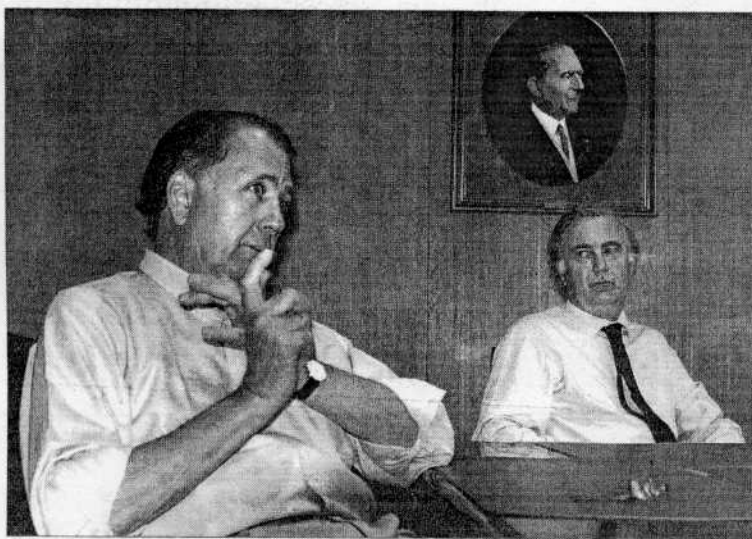
Os irmãos António Guedes (engenheiro agrónomo) e Roberto Guedes (economista) são os actuais administradores da sociedade anónima - uma empresa que atravessou várias gerações sempre na posse da mesma família, o que lhe confere um peculiar estilo de liderança.

Nesta entrevista, os irmãos Guedes explicam o sucesso do negócio, a aposta em novos mercados mundiais e em alguns dos mais recentes investimentos como a Quinta de S. Inácio, em Gaia. Analisam a actual situação da da agricultura no nosso país, apontam o dedo às fragilidades das cooperativas de vinhos e lançam um olhar crítico à afirmação da região Norte e do Porto, a terra Natal de ambos.

- Qual é hoje o peso da Quinta da Aveleda no panorama regional?

- ANTÓNIO GUEDES - A Aveleda é, hoje, mais marca, mais terreno, mais ligada à terra onde estamos. É um símbolo da região. Somos o maior produtor de vinho verde da região, o maior exportador e exploramos a maior área de vinho verde dentro da região.

- ROBERTO GUEDES - Produzimos o “Casal Garcia” que é a marca de vinho verde



António Guedes (à esquerda) e Roberto Guedes administradores da Quinta da Aveleda

O “Casal Garcia” é a marca de vinho verde mais conhecida no mundo

mais conhecida (e mais exportada) no mundo.

- Os portugueses ainda bebem muito vinho?

- A nossa população não consome o vinho todo. Consome cinco milhões de hectolitros, ou seja, temos um excesso de dois milhões de hectolitros. O mercado português está estabilizado. Aliás, há 30 anos o mercado de consumo de vinho *per capita* era, em média de 120 litros/ano. Hoje, cada português deve beber,

em média, 50 litros de vinho por ano. Houve uma diminuição brutal, mas as pessoas estão mais exigentes: já não bebem mal, bebem melhor. Os portugueses bebem menos, mas bebem melhor.

- O Vale do Sousa é uma zona com castas muito peculiar...

- AG - ... Sim, temos boas castas... mas já começámos a fazer experiências com alvarinho...

- Mas o Alvarinho é de Monção?!

- AG - Mas é uma casta permitida nos vinhos verdes. O alvarinho que temos cá não é para fazer vinho alvarinho, é para lotar com outras castas. A “Quinta da Aveleda” novo (que lançámos há oito dias) já tem na sua composição uma pequena percentagem de alvarinho que lhe dá outro final: mais macio, mais aromático, mais prolongado e mais interessante.

- Estas novas experiências tem sempre em vista a exportação.

- AG - Ah, sim.

- RG - Temos mercado em vários continentes. Um bom mercado está na América do Norte e Canadá; na América do Sul...

- AG - ...Embora no Brasil já há a concorrência dos vinhos chilenos, argentinos e até europeus. O Brasil é hoje um mercado exigente e concorrencial; e temos a facilidade de falarmos a mesma língua.

- E na Europa?!

- AG - Temos bom mercado em França e na Alemanha (talvez os maiores depois da América), nos países nórdicos (Suécia, Noruega, Finlândia e Dinamarca) e depois a Espanha, África do Sul...

- Além do verde, comercializam um vinho do Douro...

- AG - O Charama.

- RG - É o vinho do Douro mais vendido no Canadá e na América.

- Por que razão uma empresa tipicamente de vinho verde aposta num “Douro”?!

- AG - As empresas não são de vender ‘maduros’ ou ‘verdes’. Elas são o que são: a técnica de fazer vinho é a mesma para um lado como para outro. Quem é costureira faz calças como faz saias, poderá é ser mais especialista nisto ou naquilo (risos). Estivemos ao longo de anos ligados ao vinho verde, mas tínhamos *know-how* [conhecimento perfeito] para desenvolver esse produto; e sensibilidade de mercado... e tínhamos consumidor final. Na Aveleda só podemos vinificar uvas do vinho verde... não podemos trazer para aqui uvas do Douro ou da Bairrada, mas podemos fazer vinho no Douro e na Bairrada. Aqui está a parte de stocagem, armazenamento e engarrafamento.

- Para tanta quantidade de vinho, têm de funcionar em rede com os lavradores da região?

- AG - Sim. Criamos condições aos lavradores para que façam um produto (que é a uva branca) com condições rentáveis para eles e para a empresa. Os 120 hectares próprios não chegam, abastece apenas 15 por cento. Os restantes 85 por cento das uvas compramos.

- Em termos de exportação estamos a falar de uma facturação...

- RG - ... ronda doze a quinze milhões de euros de exportação anual.

Uma quinta de família

A Quinta da Aveleda, em Penafiel, existe há séculos, mas só se conhecem notícias da sua existência desde o século XVI. O negócio tem sido gerido por várias gerações da mesma família, mas o grande impulso na exploração do vinho verde foi dado pelo bisavô dos actuais administradores (os irmãos António e Roberto Guedes): Manuel Pedro Guedes da Silva da Fonseca. Pedro Guedes, como hoje é lembrado, foi deputado nas Cortes e polémico presidente da Câmara de Penafiel pelo Partido Regenerador. A ele se deve a construção do santuário de Nossa Senhora da Piedade no Sameiro de Penafiel, a exploração da água e a construção do quartel mi-

litar. Proprietário da Quinta da Aveleda, Manuel Pedro Guedes tornou-se pioneiro no cultivo da vinha. De França, importou novas técnicas: adoptou as ramadas e as latadas de arame, ferro e pedra e inventou os guarda-sóis invertidos para substituir os arames. A primeira plantação ordenada ocorreu em 1860, ao estilo francês - de vinha enxertada em bardo e com separação de castas. A Quinta da Aveleda recebe a primeira grande distinção na Exposição de Paris, em 1880. O vinho “Casal Garcia” é um exemplo de marketing. A garrafa levemente azulada, com um rótulo azul, representado um lenço bordado e em formato oval, é a jóia de família.

CONTINUA NA PÁGINA SEGUINTE